



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O PÚCARO DE NARIZ SUTIL: CAMPOS DE CARVALHO, ATUAL E DISSONANTE

Raimundo Lopes Cavalcante Jr (UFF)

RESUMO: Em um tempo onde os discursos extremistas se tornam perigosamente constantes e ganham espaço em diferentes sociedades ao redor do mundo, expandindo ideais políticos, sociais ou religiosos de forma parcial e intolerante, cabe-nos resgatar um autor como Campos de Carvalho em cujas obras destacam-se discursos que são veementes críticas a ordem social estabelecida. Entrar no mundo criado por Campos de Carvalho implica estar disposto a acompanhar narradores provocadores, inquietos e questionadores da ideologia vigente na sociedade brasileira do meado do século XX, que criticam, por exemplo o Estado burocratizado, as religiões de uma forma geral, a moral e a hipocrisia da classe média brasileira. Tendo como embasamento teórico o pensamento de Mikhail Bakhtin este trabalho buscará analisar como esses discursos nos são apresentados em *O púcaro búlgaro* e *Vaca de Nariz Sutil*, destacando o humor corrosivo e a crítica contundente que são marcas deste autor tão singular quanto desconhecido pela maioria do grande público leitor.

Palavras Chave: Campos de Carvalho, dissonância, humor, crítica social.

Introdução

Repito que Campos de Carvalho é um louco. Um louco perigoso. Está demolindo as rotinas da vida: a hora do expediente, a do amor, a dos chinelos diante da televisão, a do bocejo à hora de mandar as crianças para a cama. (FIGUEIREDO, Guilherme de, 1964, apud ARANTES, 2005, p.20),

Mesmo para um número significativo de pessoas dedicadas ao estudo da Literatura Brasileira, Walter Campos de Carvalho (1916-1998), mineiro de Uberaba, autor de seis romances entre as décadas de 40 e 60 do século XX, ainda é um quase desconhecido. Após 1964, quando publicou *O púcaro búlgaro*, Campos de Carvalho se afastou do mercado editorial e jamais voltou a apresentar um novo romance, aposentando-se como procurador do estado de São Paulo. O autor faleceu em 1998 com oitenta e um anos. Em raríssimas entrevistas concedidas, pouco se conseguiu extrair de suas opiniões ou de seus planos. O que se obteve foram apenas referências a títulos de novas obras que até hoje não vieram a público. A causa de seu isolamento ainda nos é um mistério.

Somente em 1995, trinta e um anos após a primeira edição de *O púcaro búlgaro*, a José Olympio Editora republicou a obra quase completa do autor na tentativa de aproximá-lo novamente do público leitor. Digo quase completa porque ele proibiu a reedição de suas duas obras iniciais, *Banda Forra* (1941) e *Tribo* (1954). Figura



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

polêmica, o escritor sempre despertou declarações fortes sobre o seu estilo e trabalho. As raras entrevistas por ele concedidas eram truncadas e o entrevistador tinha que se esforçar muito para conseguir “arrancar-lhe” alguma informação. O jornalista Edney Silvestre assim começa o relato de uma entrevista com Campos de Carvalho à revista *O Cruzeiro*:

Este homem é um maldito – Há quem o considere o fenômeno mais importante das artes no Brasil. A cultura oficial, entretanto, ignora-o. Os críticos temem escrever a seu respeito. Os leitores o consideram um louco, mas seus livros estão esgotados. O que vem a ser um marginal dentro da cultura brasileira? (SILVESTRE, 1969, p.43)

Este trabalho buscará analisar como o discurso de Campos de Carvalho nos é apresentado em *O pícaro búlgaro* e *Vaca de nariz sutil*, destacando o humor corrosivo e a crítica contundente que são marcas desse singular escritor. Pretende-se ainda mostrar a atualidade dessas obras produzidas em meados do século XX, que nos trazem questionamentos ainda válidos para a sociedade brasileira deste início de século XXI.

Entre Vacas dissonantes e Pícaros debochados

O autor declarou que *Vaca de nariz sutil*, publicado em 1961, foi o livro que lhe exigiu maior esforço emocional, “escrevi-o aos prantos” (SILVESTRE, 1969, p.43), confessa, mas, apesar das dificuldades, afirma também que tornou-se o seu livro mais querido. Conheceremos esta obra a partir do discurso de seu narrador, um personagem solitário e traumatizado que foi enviado para uma guerra sem oportunidade de recusa e de onde voltou sem parte de sua memória. Após voltar da guerra ele recebeu um apressado diagnóstico de esquizofrenia, abandonou sua família e passou a viver numa pensão, dividindo o quarto com um surdo-mudo de nome Aristides. Sozinho, o personagem remoia seu passado, sempre aparentando estar à procura de algo, seja de suas lembranças de infância (perdidas na guerra), seja de uma companhia, de um amor ou mesmo de algum sentido para a sua existência.



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

Em *Vaca de nariz sutil* poucos são os diálogos do ex-combatente com outros personagens e o que mais se ouve é a voz quase exclusivista do narrador. Uma voz que profere um discurso por vezes agressivo, confuso e obsessivo e que repudia qualquer opinião contrária à sua. Fruto de uma personalidade que não se enquadra à sociedade onde vive, embora faça parte do sistema e seja efetivamente um de seus membros. O ex-combatente foi um militar e continua a receber mensalmente sua pensão.

A tensão da trama e o tom crítico do narrador aumentam quando o personagem é acusado de violentar a jovem Valquíria de apenas quinze anos, filha do zelador de um cemitério. O fato teria ocorrido sobre um dos túmulos, sendo a testemunha de acusação uma beata que estaria no cemitério, supostamente para visitar o túmulo do marido morto. Essa acusação desencadeia o desfecho da narrativa quando o personagem acuado foge de sua cidade em um trem.

Não seria justo afirmar que o humor em *Vaca de nariz sutil* é inexistente, todavia é certo que precisamos escavar bem fundo para arrancar o riso que está embrenhado nas entrelinhas da obra. Não há enfim um riso fácil, tal qual o encontrado nas páginas de *O púcaro búlgaro* onde temos um humor mais espontâneo, mais evidente, aberto.

Em *O púcaro búlgaro*, o narrador personagem, cujo nome também não nos claramente revelado, engendra a organização de uma expedição com o objetivo de verificar se a Bulgária de fato existe. A obsessão do personagem por tal país se inicia a partir de uma visita ao Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia, onde o mesmo, em companhia de sua mulher, teria visto um púcaro (espécie de vaso com asa para depósito de líquidos) de origem búlgara, que não por acaso estaria exposto em um museu norte americano. O narrador lança dúvidas:

Nunca lhe passara pela cabeça que, numa esquina qualquer do mundo de repente lhe pudesse aparecer pela frente um búlgaro segurando um púcaro ou então um púcaro com um búlgaro dentro, ou ainda e muito menos um púcaro simplesmente búlgaro – com data, etiqueta e tudo, e sob a proteção da bandeira dos Estados Unidos. (CARVALHO, 2005, p.312)

Impactado pelo objeto, ou melhor, pela origem do objeto, o personagem abandona sua mulher no exterior, sem dinheiro sequer para pagar as despesas do hotel e embarca num voo de volta para o Brasil. Sobre a



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

mulher abandonada declara: “Foi uma boa mulher enquanto foi boa, depois as nádegas lhe cresceram tanto que eu tinha dificuldade até de atingir a cozinha, estando ela nas imediações.” (CARVALHO, 2005, p. 320). Aqui chegando, por algum motivo inconsciente, o personagem se esquece do seu extraordinário projeto por dois anos. Do Alto da Gávea onde mora e tendo somente a companhia de sua empregada Rosa, com que tem um caso, ele assim nos relata sua condição:

Preciso pôr fogo nessa papelada, ou talvez fosse melhor pôr logo fogo na casa, com Rosa e tudo. Estou desconfiado de que o tudo o que aí sou eu, o que é muito pouco. Um escritor que nem sequer conseguiu escrever, um herdeiro que não herdou nada que prestasse, um cidadão que nasceu numa cidadezinha e acabou sendo menor do que sua cidade, um desmemoriado para as coisas sem importância e agora para as mais importantes, um sujeito de binóculo que não enxerga sequer diante do seu nariz: ou isto não é a imagem de um homem ou então eu sou um homem.(CARVALHO, 2005, p.326)

A narrativa subverte a pressão que o tempo impõe ao homem moderno e o narrador desdenha dessa pressão criando um diário onde os dias não têm sequência lógica e podem ser nomeados, por exemplo, como “Outubro, 32”, “Novembro 28 ½” ou simplesmente “Século”. Em 4 de novembro o personagem afirma que saiu para matar o tempo e matou-o e decreta: “Prefiro acreditar que matei o tempo simplesmente matando-o, o que representa uma façanha inédita e infelizmente sem sentido: uma espécie assim de heroísmo sem herói, ninguém salvo nem por salvar” (CARVALHO, 2005, p.321). Somente a partir de uma hilária consulta a um psicanalista é que finalmente o personagem se recordará de seu projeto, publicará um anúncio em jornal e iniciará a seleção de voluntários para a montagem da equipe de expedicionários que tentará provar a existência ou a inexistência da Bulgária. O que se segue tanto na seleção dos candidatos quanto nos preparativos da expedição é uma narrativa *sui generis*, com um humor explícito e debochado, onde a linguagem é trabalhada com extrema habilidade, provocando-nos o riso e apresentando, em suas entrelinhas, várias críticas e questionamentos à sociedade e à ordem estabelecida.

Passemos agora a apresentar como estes dois narradores estabeleceram seus relatos com vozes veementes e dissonantes, começando por *Vaca de nariz sutil* onde o narrador assume sua posição de dependente do Estado a quem culpa pelos traumas que carrega: “Pago a pensão com a pensão que o Estado me paga pelo meu estado.” (CARVALHO, 2005, p.165). O Estado, provedor da pensão, será alvo constante de suas reclamações, a burocracia estatal, por exemplo, é repelida e ironizada quando o ex-combatente descobre que



recebe uma pensão menor que a de outros companheiros que também haviam sido mutilados. Ele soube que sua pensão poderia ser maior caso houvesse perdido alguma parte do corpo e não apenas a memória: “Se eu tivesse perdido uma perna ou o pênis, a pátria me pagaria muito mais – foi o que tentaram me explicar diante de um mapa cheio de ossos e cartilagens: pensarei nisso da próxima vez.” (ibid., p.165). Já ao falar sobre o zelador do cemitério, que vive onde trabalha, o narrador deixa escapar uma de suas farpas: “[...], e se ele mora num cemitério é porque tem lá suas razões. Também já morei em porões, em corredores, e até em trincheiras: o problema da moradia não preocupa ao Estado, cada um que se arrume.” (ibid., p.155), assim o narrador expõe o que considera como negligência ou como burocratização estatal.

Já em *O púcaro búlgaro*, o Estado é o culpabilizado pelos apagões e pelo racionamento de energia que atinge o bairro da Gávea e outras áreas da cidade: “O racionamento de luz obriga-me a só escrever de dia. [...] O que faz o governo para dividir tão mal suas escuridões é o que ninguém sabe; e o que Deus também faz, muito menos.” (CARVALHO, 2005, p.319). Mais uma vez temos um narrador reclamando da incapacidade de gestão das autoridades públicas, que não agem para evitar um racionamento de energia. São críticas infelizmente ainda atuais, basta-nos lembrar da recente crise hídrica que o Brasil viveu (e ainda sofre suas consequências) nos anos de 2014 e 2015. Nossos governantes continuam a gerir mal o erário público e a planejar incompetentemente os seus gastos, deixando-nos em pleno século XXI sem os serviços públicos de boa qualidade a que temos direito.

Voltando à *Vaca de nariz sutil*, nos serão apresentadas algumas das autoridades da cidade, elas não têm seus nomes revelados, podendo representar qualquer homem público que eventualmente conheçamos. Reunidos em uma mesa de restaurante, o promotor, o juiz e o prefeito, com suas respectivas mulheres, e ainda o vigário participam de uma cena cômica, mas que bem serve para demonstrar o caráter de certos homens públicos:

Há que implantar o quanto antes a pena de morte, dizia o promotor – e com o joelho roçava a perna da mulher do prefeito, e este a da mulher do juiz e este a da mulher do promotor. Três vezes setecentos e cinquenta: três vezes cinco quinze vai um, três vezes sete vinte e um... – e o vigário mentalmente ia calculando o lucro: esses cornos falam mais do que bebem: que tal um *Lacrima Chisti*, meritíssimo? [...] [grifos meus] (CARVALHO, 2005, p.162)



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O narrador denuncia que, na verdade, essas autoridades por baixo dos panos agem de forma traiçoeira. Por sobre a mesa atuam como se nada estivesse acontecendo, mas seus pensamentos e suas ações estão voltados para interesses pessoais. Os cálculos que mentalmente o vigário faz, bem poderiam estar sendo feitos também pelos outros partícipes do jantar.

Por falar em lucro, o que dizer do candidato a expedicionário, de nome Ivo que viu a uva, que se incorporou à expedição alegando ser descendente de um sábio hindu que inventou o zero, “circunstância que lhe garante e à sua família um *royalty* sobre todos os zeros usados no mundo até o fim dos tempos. Aproveitou para, discretamente, cobrar-me o que lhe devia” (CARVALHO, 2005, p.331). Bem, parece mais um desses impostos que nascem do nada, simplesmente para tirar dinheiro do contribuinte sem que vejamos nenhum retorno.

Para indicar a falta de interesse pelo estudo e pela leitura, o ex-combatente, sentado no mesmo banco de jardim, nos apresenta a biblioteca pública como um local frequentado apenas pelo carrancudo bibliotecário: “Ali a biblioteca pública; muito bem! Dizem que não há virgens na cidade, pois essa é uma delas, a última!” (CARVALHO, 2005, p.175).

As religiões e a Igreja Católica em especial são outros pontos contra os quais o narrador de *Vaca de nariz sutil* faz as suas investidas. O vigário sentado à mesa das autoridades, calculando um lucro qualquer, deixa-nos bem a par do que o narrador pensa sobre o religioso, alguém que saberia de tudo o que se passa por sob a mesa e que tiraria proveito dessa informação para benefício próprio. Em outro momento o narrador faz insinuações sobre a questão da pederastia no meio religioso. Relatando que houve na pensão um adolescente de treze anos a quem “deixara escapar”, o ex-combatente declara que tal rapaz poderia despertar o interesse até de um frade: “um efebo ainda é das poucas coisas capazes de despertar até um frade de pedra, se não a única. (CARVALHO, 2005, p.167)”.

O ex-combatente cogita que até o bispo iria gostar de observar pelos buracos das fechaduras da pensão e de masturbar-se observando os hóspedes: “veja Vossa Excelência se não estou com a razão, tire o barrete para não atrapalhar.” (ibid., p.187). Sabemos, infelizmente, que em pleno século XXI os casos de pedofilia dentro da Igreja Católica são ainda recorrentes e vemos, de tempos em tempos, surgirem novas denúncias e comprovações de abusos sexuais praticados por religiosos em todo o mundo.



Para o personagem se o mundo é imperfeito, sendo este uma construção divina houve certamente uma incapacidade de Deus de fazer algo melhor, ele até entende as dificuldades do Criador e se solidariza com Ele, ao mesmo tempo em que zomba do conceito de perfeição divina e de sua infalibilidade:

Talvez por isto mesmo, neste mundo é tudo às avessas, e dizem que Deus se sentiu muito satisfeito quando deu o mundo por terminado: cada um dá o que pode, se não fez melhor é porque não estava evidentemente ao seu alcance: ser Deus é uma responsabilidade muito grande, o sujeito acaba mesmo se atrapalhando. Eu se fosse Deus faria pelo menos uma coisa perfeita, o resto que se danasse, uma só perfeição já justificaria toda a imperfeição do mundo. A verdade é que ainda poderia ser pior, o melhor é ficar calado. [grifo meu] (CARVALHO, 2005, p.194-195)

Em *O púcaro búlgaro* a Bulgária e Deus são assim comparados: “- O que se convencionou chamar a Bulgária é sobretudo um estado de espírito. Como Deus, por exemplo” (CARVALHO, 2005, p.343). Se Deus está na berlinda, que dirá os homens e suas relações. Espionando os casais que moram na pensão o ex-combatente tece críticas às relações mantidas nos casamentos. Aristides, seu companheiro de quarto, por vezes parece ser confundido com um cônjuge e o fato de ele ser surdo-mudo colabora nessa comparação, para o ex-combatente essa mudez bem representa o estado apático de certos relacionamentos. Ao criticar a postura de Aristides, o soldado critica, em verdade, o imaginável comportamento de um casal em crise e logo generaliza, “é tudo igual”, todos os casamentos estão destinados ao fracasso:

[...] Daqui a pouco chega o estranho [Aristides], entra sem bater, despe-se com o seu sexo e as suas nádegas, puxa o lençol e cai no sono – tudo sem dizer uma palavra. Seria pior se se deitasse na minha cama, com certidão de casamento para lhe garantir esse direito, quando até os mortos tem direito de dormir sozinhos, ou quase. Protestar não adianta, que é tudo igual: o próprio presidente a esta hora estará dormindo com a primeira dama, ou com a segunda-dama, e o rei com a rainha, e Deus com alguém. [grifo meu] (CARVALHO, 2005, p.156)

Em *O Púcaro búlgaro* é o próprio narrador que confessa o fracasso de seu casamento e sua relação extraconjugual com a empregada:

Menina Rosa, eu disse, Rosinha – e nos tornamos amantes, O tal estupor com suas nádegas tomando toda a extensão da cama: Assim não é possível minha filha, vou dormir no sofá, e eu ia dormir na Rosa, [...]. De manhã eu estava esquelético, cor nenhuma, estas malditas molas do sofá, não se tem nem



jeito de mudar de lado, mas prefiro ainda isto a dormir no ar, suspenso ao lado da cama. (CARVALHO, 2005, p. 325)

Ainda sobre as relações sociais, numa das reuniões preparatórias os expedicionários questionam a forma das classes dominantes exercerem seu poder sobre os mais fracos:

[...] Após coçar a cabeça na altura do cocoruto, o expedicionário Ivo que viu a uva estranhou que, na marcha que andam as coisas, a antropofagia ainda continuasse sendo condenada pela Igreja e pelos bons costumes, ou pelos maus costumes como em parte corrigiu o professora Radamés; no seu entender, muito pior do que comer o seu semelhante é fazer com ele o que se vem fazendo desde que o mundo é mundo, sobretudo entre as classes ditas dominantes e cujo domínio é tão incerto quanto os domínios britânicos ou de qualquer outra espécie; e citou o exemplo do gato enfasiado diante do rato, fazendo dele um juguete quando não sente a urgente necessidade de devorá-lo. (CARVALHO, 2005, p.359)

Em *Vaca de nariz sutil*, o tom das indignações e críticas do personagem para com a sociedade se potencializa a partir do momento em que ele é acusado de violentar a filha do zelador do cemitério pela qual supostamente estaria apaixonado. Na delegacia, defendendo-se da acusação de estupro o ex-combatente considera aquilo tudo “uma palhaçada” e mentalmente vai desqualificando a todos os presentes. O escrivão, por exemplo, estaria sendo traído pela mulher e todos na cidade saberiam, exceto ele naturalmente; o delegado seria um cínico e incompetente, capaz de ameaçar o interrogado, mas incapaz de perceber que a sua filha menor de idade estaria fornicando com vários homens no muro atrás da igreja. Todavia, o seu alvo principal neste episódio foi a mulher que o denunciou, chamada simplesmente de “a megera”. Segundo ele, a megera, uma senhora viúva, traía várias vezes o marido e agora virara “um poço de virtudes e acha até tempo para ir visitar os cornos do marido no cemitério, com Deus na mão para qualquer imprevisto.” (CARVALHO, 2005, p.207). E complementa: “enquanto a vulva lhe servia ocupava-se com outras coisas e não tinha tempo para pensar na vulva dos outros [...]” (ibid.).

O narrador declara que não se sentia culpado de coisa alguma, afinal todos os que o acusavam estariam em defesa de uma virtude que não teriam. Em sua defesa o narrador faz uso de um discurso que ataca diretamente o que julga como a hipocrisia daquela sociedade, incapaz de enxergar seus erros, mas sempre disposta a apontar os erros dos outros:



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

[...] Pior fazem eles que fazem as mesmas coisas às escondidas, ou tem vontade de fazer e não fazem, e têm simplesmente medo uns dos outros e chamam isso uma virtude: e copulam toda noite com quem nem ao menos amam, no escuro para terem a ilusão de que estão no cemitério copulando com a sua criatura. Isto não há latim que lhes ensine, nem código nem coisa nenhuma, ou se nasce sabendo ou não se aprende nunca: não tenho culpa de que sejam assim, de que eu seja assim. (ibid.)

Crime, para o narrador, não seria o que se passara entre ele e Valquíria no cemitério, crime seria apoiar uma guerra, defender a morte do inimigo e comemorar com condecorações e marchas as datas que lembram tais conflitos. Sentindo-se um covarde e dizendo-se mais uma vez inocente, o narrador comparou o despropósito da guerra e da acusação que sofreu:

[...] Matei dezenas, centenas de criaturas em nome da pátria e ainda me pagavam para matá-las: fui recebido de braços abertos e me condecoraram em praça pública; agora não matei a ninguém, não fiz mal a ninguém, e tenho que andar rente aos muros como se fosse um criminoso, as mãos nos bolsos para que tremam menos. Até covarde me tornei de repente, como todos [...] andando por esses lugares que não me interessam só para não ter que enfrentá-los aos grupos ou mesmos sozinhos, com o seu ódio e sua hipocrisia. (ibid., p.210)

Ele pode estar relatando sua participação na Segunda Guerra Mundial, na Guerra do Vietnã ou qualquer outro conflito contemporâneo à época de publicação da obra. Esse herói sem nome critica na verdade toda a violência que percebe em seu dia a dia. Para tanto ele faz uso de um discurso atemporal, fragmentado e atualíssimo, que traz em seu cerne um contundente pensamento antibelicista; não importa qual seja a guerra. Na guerra, o ex-combatente sentia-se matando a si mesmo, de ambos os lados inocentes morreriam sem nem ao menos se saber ao certo o porquê de suas mortes:

[...] Não me dão armas para eu matar quem eu queira, mas justamente quem eu nem conheço, pode ser até que seja o meu sócio quem esteja do lado de lá, e o mais certo é que seja; e a coisa é tão bem-feita que acabam nos fazendo odiá-lo, cada um ao seu, como se já tivéssemos nascido inimigos um do outro, e inconciliáveis. (ibid., p.180).

De fato, a coisa é tão bem feita que, em pleno século XXI, discursos extremistas se tornam perigosamente constantes em todo o mundo e ganham espaço em diferentes sociedades, expandindo ideais políticos, sociais ou religiosos de forma parcial e intolerante, fomentando atentados terroristas, guerras,



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

desrespeito e um ódio descabido a quem ousa pensar diferente. Não importa a época, as guerras continuam a não fazer sentido e a vitimar inocentes.

A busca de um sentido existencial do ex-combatente, que em certo momento também se declara como um herói sem heroísmo, é a mesma busca a que se atira de forma mais camuflada o expedicionário de *O púcaro búlgaro* que confessa mediante sua dúvida quanto à missão rumo à Bulgária:

A continuar assim ainda acabaremos empreendendo uma expedição para descobrir a nós mesmos [...] Nem adiantaria, acrescentei, querermos descobrir coisíssima alguma sem antes termos a absoluta certeza de que existimos. (CARVALHO, 2005, p.341)

A ironia e o humor mais latentes em *O púcaro búlgaro* contrastam com as críticas sociais que estão mais nas entrelinhas dessa narrativa. O contrário ocorre em *Vaca de nariz sutil* onde as críticas são mais explícitas e o humor é que precisa ser arrancado das entrelinhas. O narrador de *Vaca de nariz sutil* produz um discurso para que sua insatisfação seja percebida, para que sua inadequação e sua posição dissonante sejam manifestadas de tal forma a incomodar seus ouvintes. Enquanto que o narrador de *O púcaro búlgaro* produz uma narrativa mais leve, porém trabalhando a linguagem de modo bastante hábil para que a sua dissonância apareça através de um riso debochado e inteligente.

E a partida dos expedicionários, debochada, finalmente ocorre: A partida!!! Nada mais que uma partida de pôquer onde se fazem presentes o relógio com seu tic-tac repetitivo, o narrador, os expedicionários Pernacchio, que morou muitos anos ao lado da Torre de Pisa e ficou neurótico com a ideia de que a mesma lhe pudesse desabar sobre a cabeça e Radamés, o professor de bulgarologia nascido em Quixeramubim, no Ceará, dono de um gato imaginário que nada mais é do que o dorso de sua mão:

EU – Mesa, também. O diabo é que o seu gato, não é de nada, professor. E ele, pelo menos – nasceu em algum lugar?

RADAMÉS – Presumo que no cu da gata, para não dizer pior. Quanto a não ser de nada, só por causa do seu ar ausente, digo que Deus é o rei dos ausentes e nem por isso você é capaz de dizer que ele não exista.

EU – Existe tanto quanto o Ceará ou a sua Bulgária.

PERNACCHIO – O que não quer dizer absolutamente nada. Bato. (CARVALHO, 2005, p.382)



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

Já o ex-combatente decide fugir e deixar tudo para trás, foge teoricamente sem destino, não levando sequer roupas, mas escolhe um trem como sua condução. O trem que é um veículo com rota determinada, os seus trilhos a limitar qualquer mudança de rumo, fixando o destino. Para resolver esta incoerência, o narrador afirma que ele é a locomotiva com todos os seus vagões e que os “trilhos são para fazer de conta, na primeira oportunidade eu [ele] os despeço: vão para as estações que quiserem.” (ibid., p.212).

Sua fuga representa então um momento de redescoberta de si mesmo; ele larga os óculos, para ver melhor, finge-se de surdo-mudo para não ter que escutar o que não lhe interessa e segue sua viagem, tentando ser o senhor de seu destino, seja ele qual for, com um rumo incerto, mas fruto de sua escolha: “Aproveito para entrar no meu desrumo: deixo-vos os trilhos, vou ver se ainda me alcanço: não disponho de vossa eternidade para viver, muito menos para pensar. / É agora ou nunca.” (ibid., p.219).

Referências:

ARANTES, Geraldo Noel. *Campos de Carvalho: inéditos, dispersos e renegados*. Campinas, 2004. 164 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CARVALHO, Campos de. *Obra Reunida*. 4ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. 382p.

_____. *Cartas de viagem e outras crônicas*. Organização de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.123p.

SILVESTRE, Edney Célio. “Este homem é um maldito”. In: *O Cruzeiro*, p.42-44, 30 de Outubro de 1969.